

Análise de algumas mudanças do sistema sufixal nominal do português

Maria do Céu Caetano

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)

O tema que me proponho tratar insere-se num estudo mais amplo, ainda em fase de execução, intitulado *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português*, de que já dei conta noutras intervenções. Os dados e as descrições fornecidas por um conjunto de gramáticas históricas do português¹ servem de ponto de partida para a análise de um conjunto de sufixos, numa perspectiva diacrónica. Serão analisados, por um lado, *-ato / -ado*, sufixos nominais que, segundo os gramáticos históricos, apresentam formas duplas (uma “erudita” e outra “popular”), o par *-aria / -eria*, que coloca dúvidas relativamente à demarcação da forma base e do alomorfe sufixal, e, por outro, o sufixo *-mento*, que segundo alguns foi perdendo produtividade. Posteriormente, as descrições dos gramáticos serão confrontadas com os dados recolhidos em dois textos literários em prosa do séc. XV (*Crónica do Conde D. Pedro*, de Gomes Eanes de Zurara, e *O Leal Conselheiro*, de Dom

¹ Cf. 1. BRAGA, Teófilo (1876) *Grammatica Portugueza* Elementar, Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira; 2. REINHARDSTOETTNER, Carl von (1878) *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, Strassburg, Karl J. Trübner; 3. SILVA JR., Manuel Pacheco da (1878) *Grammatica Historica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D. M. Hazlett; 4. SILVA JR., Manuel Pacheco da e Lameira de ANDRADE ([1887] 1913⁴) *Grammatica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves; 5. VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro (1900) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Paris/Lisboa, Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves; 6. VASCONCELOS, José Leite de ([1911] 1959³) *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal; 7. PEREIRA, Eduardo Carlos ([1916] 1935⁹) *Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional; 8. MOTA, Othoniel ([1916] 1937⁸) *O meu idioma*, São Paulo, Companhia Editora Nacional; 9. NUNES, José Joaquim ([1919] 1989⁹) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora; 10. HORTA, Brandt ([1930?] s.d.³) *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira; 11. ALI, Manuel Said ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos; 12. HUBER, Joseph ([1933] 1986) *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; 13. MARTINS, Jaime de Sousa ([s.d.] 1937²) *Elementos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional; 14. SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins ([1938a] 1959³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular; 15. SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1938b) *Gramática de português*, Lisboa, Livraria Popular; 16. COUTINHO, Ismael de Lima (1938) *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional; 17. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.) *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal / Dinalivro; 18. CÂMARA JR., Joaquim Matoso (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.

Duarte)², devendo este confronto permitir complementar e verificar os dados fornecidos pelos gramáticos, bem como chegar a uma sistematização da descrição anteriormente efectuada.

1. *-ato / -ado*: Quase todos os gramáticos históricos que consideraram os sufixos *-ato* e *-ado*³ apontam a origem “erudita” do primeiro e a origem “popular” do segundo. O sufixo nominal *-ado* é o equivalente português do sufixo latino *-ātū-* (cf. Machado [1952] 1977³), o qual também deu origem a *-ato*. A partir dos exemplos, tanto os que constam no *corpus* de gramáticas históricas, como os recolhidos nos dois textos referidos, pode avançar-se que *-ato* não é, nem nunca foi, um sufixo produtivo em português. De entre as formas em *-ato* registadas pelos gramáticos históricos, temos as que foram herdadas do latim (ex.: *clericato* 11⁴), as que deram entrada no português através de empréstimos, sobretudo ao francês (ex.: *sindicato* 11) e ao italiano (ex.: *vicariato* 9, 16), e ainda as que fazem parte da nomenclatura científica, nomeadamente da química⁵. As formas *baronato* (1881) e *canonicato* (1813), tidas como sendo formadas em português, e ainda *tribunato* ([+lat] 1813), designando ‘dignidade ou funções de (barão, cónego e tribuno)’, coexistem com as formas em *-ado* respectivas, nomeadamente: *baronado*, *canonicado* e *tribunado*. Não me parece que as formas *baronato* e *canonicato* sejam razão suficiente para podermos concordar com os gramáticos históricos, ao afirmarem que *-ato* serviria para dar origem a novas formações, em português. Em *tribunado / tribunato* 5, 11, à semelhança do que se verifica em *baroado* 2, 4 e *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16, as formas em *-ado* são anteriores. As formas *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16 e *canonicato* 1, 2, 7, 9, surgiram, provavelmente, por analogia com *clericato* ([+lat] XVII) 11, sendo fruto de uma tendência relatinizante e substituindo *baronia* e *conezia*⁶. De salientar que em todas as formas em *-ato* apontadas pelos gramáticos históricos e assinaladas nos dicionários etimológicos como sendo formadas em português (cf. *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16; *canonicato* 1, 2, 7, 9; *cardinalato* 1, 11), o signifi-

² Pela sua extensão, estas fontes revelam-se adequadas, apesar de os critérios seguidos nas duas edições não serem coincidentes (cf. Brocardo, 1997: 156 e Castro, 1998: xxiii).

³ Nesta análise, só tenho em conta os derivados resultantes de um processo de nominalização denominal em que, supostamente, *-ato* e *-ado* estão em alternância, ou seja, não tenho em conta o sufixo *-ado* (do lat. *-ātus*) que ocorre em nomes originariamente participios passados (por exemplo, *baptizado*), considerando que se trata de sufixos nominais diferentes, nem tão pouco o sufixo *-ado* adjectival que indica ‘semelhança’ (cf., por exemplo, *amarelado*). Cf. igualmente *-ado* que ocorre em vocabulários científicos e que, segundo Ferreira ([1975] 1999³), é uma “adapt. do lat. cient. *-ata*, do neutro plural de *-ātus*, ou do lat. cient. *-atae*, fem. pl. de *-ātus*, ou do lat. cient. *-ati*, pl. de *-ātus*”, indicando ‘espécime de divisão de (animais)’, como por exemplo em *celenterado*.

⁴ Os números que se seguem aos exemplos remetem para a gramática de onde foram retirados.

⁵ Neste último caso, *-ato*, semanticamente diferente do sufixo que alterna com *-ado*, junta-se quer a bases quer a formantes [+eruditos], como por exemplo, *silicato* [+lat] 11; *nitrato* [+gr] 11 e *sulfato* [+lat] 11.

⁶ Pelas atestações, pode observar-se que *baronato* e *canonicato* são posteriores a *baronia* (1660, fr. *baronnie*) e *conezia* (XIV).

cado de *-ato* pode ser parafraseável como 'dignidade ou função de (barão, cónego, cardeal)', significação que o sufixo *-ado* possui.

O sufixo *-ado* forma nomes [+masc] a partir de outros nomes e pelo facto de designar 'dignidade ou função de; estatuto', os derivados em que participa estão relacionados com estruturas sociais fortemente hierarquizadas (igreja, nobreza, etc.)⁷. Contudo, para além deste significado básico, *-ado* pode também assumir uma acepção locativa⁸, como em *terrado* 5. De resto, alguns exemplos extraídos dos textos apontam para que esta segunda acepção não seja accidental, mas antes inerente. Confronte-se, por exemplo, *eyrado* ("subio-se logo a hũ eyrado, e vyo bê que aque-llo hera synall", *Zur.*⁹), do século XIII¹⁰; *vallados* ('sebe, cerca'; *Zur.*), século XIV e *çarrado* ("a segar feno en hũ çarrado"; *Zur.*) e *sybado* ("hũ mouro moço que hera da companhia dos tres lamçou-se per hũ sybado e, como quer que fossem tras elle, nunca porê pôde ser achado."; *Zur.*), século XV, assim como *telhados* (*Zur.*), século XIII. Em *eyrado*, *sybado* e *telhados* pode admitir-se que o sufixo *-ado*, em resultado de uma extensão semântica, para além da designação de 'local', confira à base a noção de colectivo, noção esta presente em *eleitorado* 11 ('conjunto dos eleitores'). Este último derivado poderá ter tido na origem a significação primitiva de 'dignidade ou função de eleitor', significação que depois sofreu uma alteração¹¹.

Aparentemente, o sufixo nominal *-ado* é pouco produtivo em português, mas, dado ser o único que permite formar nomes a partir de uma base nominal caracterizada pelo traço [+hum] para designar a 'dignidade ou função de', não é de excluir que se formem novos nomes recorrendo a este sufixo (cf. *comissariado*, 1844 e *secretariado*, 1881, formados mais recentemente). De acordo com estes dados, observa-se que o sufixo nominal *-ado* nos exemplos aduzidos não alterna com *-ato*, visto que esta é uma terminação latina, à qual não se pode, portanto, atribuir o estatuto de sufixo em português. Deste modo, ao reconhecer-se unicamente existência sufixal a *-ado*, a alternância *-ado / -ato*, assim como a discussão sobre se estamos em presença de dois sufixos distintos, deixam de ser invocadas.

⁷ Cf., entre outros, *abbadado* 2; *arcebispado* 11, 12; *arquiducado* 11; *condado* 1, 2, 7, 8, 9, 11, 12; *diaconado* 7; *ducado* 1, 2, 7, 8, 11; *marquesado* 1, 2, 9; *noviciado* 11; *papado* 16; *patriarcado* 11; *presbyterado* 7; *princípio* 9, 11; *viscondado* 11.

⁸ Rio-Torto (1998b: 204) indica duas razões para a não inserção dos derivados em *-ado* nos locativos: "em primeiro lugar, o facto de o significado locativo não ser neles nem exclusivo, nem essencial, mas antes accidental e acessório; em segundo lugar, a circunstância de nem todos os "nomes de estatuto / condição" apresentarem o referido sentido locativo".

⁹ *Zur.* = *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo* (cf. Brocardo, [1994] 1997).

¹⁰ A datação deste exemplo, assim como as de *vallados* e *telhados*, foi extraída de Cunha ([1982] 1987²), obra em que não se regista *çarrado* e *sybado*.

¹¹ Cf. o francês *électorat*, que, de acordo com o *Trésor de la Langue Française*, começou por significar 'jurisdição de um eleitor' (1601), mais tarde designaria a 'dignidade de eleitor' (1611) e, por fim, cerca de 1850, o 'conjunto de eleitores'.

2. *-aria / -eria*: Existem alguns desencontros por parte dos gramáticos históricos, quer no que diz respeito à origem dos sufixos *-aria / -eria*, quer à alternância entre ambos, pelo que, de seguida, me proponho estabelecer hipóteses sobre esses dois pontos.

a) Etimologia: enquanto certos gramáticos históricos (cf., por exemplo, Mota, 1937⁸: 65) defendem que *-aria* e *-eria* são sufixos híbridos (lat. *-áriu-* + gr. *-ía* > *-aría*; lat. *-áriu-* > *-eiro* + gr. *-ía* > *-ería*), outros (como por exemplo, Pereira [1916] 1935⁹: 208) julgam que *-aria* se originou em *-eiro* + *-ia* → *-eiria* > *-aria*, enquanto Coutinho (1938: 58) depreende que o sufixo *-aria* do português tem origem no sufixo latino homónimo átono e que o “i dêste sufixo se alongou talvez por influência do grego *-ía*” e Câmara Jr. (1975: 222) é o único dos gramáticos históricos que refere que em latim vulgar o sufixo *-aria* já era portador de vogal acentuada. Afirmar que *-aria* resulta de *-eria* não me parece ter grande fundamento, nem do ponto de vista fonológico, nem do ponto de vista etimológico. De facto, não encontro justificação para a passagem de *ei* > *a*¹² e, como se sabe, a maior parte das formas mais cedo atestadas ocorrem com o sufixo *-aria* e não *-eria*, como é verificável nos textos que utilizei para controlo dos dados. Nos textos dos séculos XIII e XIV só temos formas portuguesas em *-aria*. É num texto do século XV que aparece o derivado em *-eria beesteria / besteria* (Zur.). A probabilidade avançada por Cunha ([1982] 1987²) de que havendo muitos nomes em *-eria* que derivam de nomes em *-e* (como por exemplo *alcaide*, *alfaiate*, *leite*, etc.) tivesse contribuído para que o sufixo *-aria* se modificasse em *-eria*, também me parece uma hipótese difícil de confirmar porque, por um lado, não dispomos de dados quantificados e fiáveis que permitam ajuizar se os nomes em que ocorre *-eria* são maioritariamente em *-e* (o que parece não ser o caso) e, por outro, alguns nomes em *-e*, como por exemplo *perfume*, dão origem a derivados em *-aria*. Numa terceira hipótese parte-se do pressuposto de que como o sufixo latino *-áriu-* também viria a dar origem ao sufixo *-eiro* do português, *-eria* se tivesse formado de *-eiro* + *-ia*, com monotongação dos dois elementos do ditongo e truncação da vogal final de *-eiro*, ao dar-se a junção de *-ia*, excluindo, portanto, a forma intermédia *-eiria*. O facto de formas como *alfaiataria*, *drogaria*, *escadaria*, *mouraria*, *ourivesaria*, *perfumaria*, etc., não derivarem de nenhuma forma correspondente em *-eiro*, mas sim dos nomes simples *alfaiate*, *droga*, *escada*, *mouro*, *ourives*, *perfume*, etc., poderá levantar reservas relativamente à hipótese de que *-aria* se tenha originado da junção de *-ia* aos derivados em *-eiro*, como sustenta, por exemplo, Ali ([1931] 1964³: 232-233). No entanto, esta assumpção radica em Diez ([1874] 1973: 259-260), gramático que considera que “formações orgânicas” como, por exemplo, ital. *artiglier-ia*, *cavaller-ia*, *tesorer-ia* e esp. *compañer-ia* de *artigliere*, *tesoriere*, *compañero*, terão contribuído para o aparecimento de “formações inorgânicas”, do tipo de ital. *infant-er-ia*, de *infante*; esp. *flech-er-ia*, de *flecha*; prov. *porc-ar-ia*, de *porc*; fr. *diabl-er-ie*, etc..

¹² Esta é a opinião de A. Emiliano (comunicação pessoal).

Ou seja, nas “formações orgânicas”, temos nomes em *-(i)er*, para o ital., e em *-ero*, para o cast., aos quais se juntou *-ia*, dando origem a nomes em *-eria*. O sufixo composto *-eria*, a partir do momento em que começou a soldar-se a nomes não derivados, viria a adquirir o estatuto de sufixo simples.

Nenhuma das hipóteses até aqui referidas parece ser inteiramente satisfatória:

i) desde o séc. XIII, *-aria* junta-se a nomes não derivados em *-eiro* (como por exemplo, *alcaydaria* e *judaria*), daí que não aceite a suposta forma intermédia *-eiria*¹³ como estando na base de *-aria* (ou seja, *-eiro + -ia > -eiria > -aria / -eria*), pelas razões que já indiquei (de ordem fonológica e também devido à não atestação de formas prévias em *-eiria* e à atestação de formas em *-aria* desde os textos do século XIII), nem a forte correspondência entre derivados em *-eiro* e derivados em *-aria*, apontada por alguns gramáticos, visto que a mesma não é corroborada pelos dados. ii) mesmo sabendo que algumas das primeiras atestações em *-aria / -eria*, em português, são empréstimos às outras línguas românicas, nomeadamente ao francês, ao italiano, ao castelhano e ao provençal (cf., por exemplo, XIII *cavalaria / cavaleria*, do fr. *chevalerie*); XIII *estalaria*, do prov. *ostalaria*), não se pode deduzir que o sufixo *-aria* tenha sido introduzido em português através de um processo de empréstimo, nomeadamente ao provençal, onde o sufixo é *-aria* e não *-eria*. Apesar de o provençal, segundo alguns, ter exercido forte domínio sobre o português durante o período do “galego-português”¹⁴, essa influência deverá ter operado sobretudo ao nível do léxico e não ao nível dos mecanismos de formação de palavras. iii) nos documentos latino portugueses ocorrem formas terminadas em *-aria* em que *-aria* parece não ser um sufixo, tratando-se antes da junção do sufixo nominal *-ia* ao infinitivo (cf. *almotazaria* 1179; *montaria*, 1111, formadas provavelmente por analogia com *pescaria* (lat. *piscāria*)), conferindo a acepção locativa¹⁵. Estes e outros exemplos semelhantes fazem-me crer que à medida que estas formações em *-aria* (*-ar + -ia* tónico) se foram expandindo em português, a terminação *-aria* passou a ser tomada como um todo, ganhando autonomia e, por outro lado, o sufixo *-ia* restringiu o seu emprego a adjetivos para formar nomes abstractos (por exemplo, *alegria*, *vilania*, etc), deixando de ser produtivo em formações do tipo de *fidalgua*, *freguesia*, *mancebia* e *penedia*), tendo a noção de ‘colectivo’ passado a ser designada por *-aria*. Esta análise permitirá, talvez, explicar a predominância, em português, de *-aria* sobre *-eria* e ainda o facto de *-aria* se soldar a muitas formas não derivadas em *-eiro*.

¹³ Considero que, por exemplo, em *padeiria* se trata da junção de *-ia* a *padeiro*, para designar o local.

¹⁴ Veja-se a este propósito Teyssier ([1980] 1994⁶: 33).

¹⁵ Cf. S13: “a todos aq(ue)les q(ue) esta mha Carta uirê faço saber q(ue) eu mando & outorgo q(ue) todos aqueles q(ue) de fora parte q(ui)serê uenir pescar na pescaria da fréeguesia da mha Igreja de Santiago de Neuha”.

b) Alternância *-aria* / *-eria*:

Quanto à variante *-eria*, é bem provável que a ocorrência da vogal inicial do sufixo se deva a um fenómeno de assimilação, motivado pela vogal tónica, fenómeno corrente em português e comum à maior parte das línguas. Admitindo, então, que *-aria* e *-eria* são variantes, qual será a forma base do sufixo, tendo em conta que a oscilação *-aria* / *-eria*, como nos recordam os gramáticos históricos, está documentada desde a formação do português? Esta é uma pergunta de difícil resolução porque, como sabemos, ambos se juntam a nomes e a adjetivos para formar nomes e ambos figuram em empréstimos de outras línguas¹⁶. Todavia, verificando-se que as formas em *-eria* têm uma contraparte *-aria* e não se registando o inverso¹⁷, pode conjecturar-se que a forma base do sufixo é *-aria* e foi esta que esteve na origem do desenvolvimento do paradigma, sendo *-eria* a variante. Se prestarmos atenção às gramáticas de onde foram extraídos os exemplos em *-eria*, podemos observar que são os gramáticos brasileiros os grandes “fornecedores” de derivados em *-eria*¹⁸, já que as restantes formas aparecem em Leite de Vasconcelos ([1911] 1959³: 340), autor que as refere para condenar a dupla grafia do sufixo, e em Carolina M. de Vasconcelos ([1946] s.d.: 73-74), a qual afirma que “em linguagem culta é melhor uniformizarmos as palavras em que os antigos pronunciavam *-eria* (...), sem todavia as condenar como falsas”. Terá havido (ou há) uma propensão no português brasileiro para as formas em *-eria*? Esta é uma interrogação para cuja resposta procurei averiguar a suposta preferência por *-eria* no português brasileiro, mas as minhas buscas (em gramáticas, dicionários, manuais, artigos, etc.) revelaram-se infrutíferas. Nos vários autores consultados, ou só é descrito o sufixo *-aria* ou, então, limitam-se a registar a alternância *-aria* / *-eria*.

Quer pelas descrições dos gramáticos, quer pelo grande número de exemplos fornecidos, sabe-se que *-aria* tem sido desde há muito e continua a ser um sufixo bastante produtivo, sobretudo quando serve para indicar 'local (de actividade)'. O sufixo *-aria* junta-se a bases [+N] para formar nomes [+femininos] e confere-lhes duas acepções básicas ('colectivo' e 'local'), nem sempre claramente distintas, tendo-se perdido a acepção de 'cargo, ofício, profissão', o que talvez indique uma tendência do sufixo para a especialização de sentido. Por outro lado, serve também para formar nomes [+ abstractos] que denotam 'qualidade (geralmente negativa) do que é próprio de' (exs.: *patifaria* 11; *pirataria* 7, 11; *velhacaria* 7, 2, etc.).

¹⁶ Por razões de número máximo de páginas impostas, não posso listar todos os derivados em *-aria* / *-eria*, pelo que me limito a indicar um par de cada subgrupo: 1. N + *-aria* / *-eria* → N: 1. 1. 'Colectivo' (*arcabuzaria* 7, 11 / *arcabuzeria*); 1. 2. 'Local (geralmente estabelecimento)': 1.2.1. Base [+Hum] (*alfaiataria* 6, 7, 11, 18 / *alfaiateria* 6); 1. 2. 2. Base [-Anim] (*livraria* 4, 5, 6, 7, 9, 15, 16 / *livreria* 17); 1. 2. 3. Base [-Hum, +Anim] (*vaccaria* 7); 1. 3. 'Função, cargo' (*alcaidaria* 7 / *alcaidaria* 7); 2. N / A + *-aria* / *-eria* → N [+Abstractos]: 'Qualidade (geralmente negativa) do que é próprio de': 'relativo a' (*mesquinharia* 7 / *mesquinheria* 7); 3. Lexicalizações (*cantaria* 7, 11, de *canto* 'pedra grande'; 'pedra trabalhada'); 4. Empréstimos (*lotaria* 17 / *loteria* 7, 11, 16, 17 (it.)).

¹⁷ Dentro dos exemplos apontados pelos gramáticos, só *imagineria* 11 não tem uma contraparte *-aria*.

¹⁸ Cf., por exemplo, Pereira ([1916] 1935⁹: 207), Ali ([1931] 1964³: 232-233) e Coutinho (1938: 58).

3. *-mento*¹⁹: As descrições de *-mento* em gramáticas históricas do português são bastante coincidentes no que diz respeito à etimologia do sufixo, à sua significação, ao facto de o sufixo se juntar logo a seguir ao tema, ao tipo de formações a que dá origem, à sua alegada perda de produtividade, havendo ainda autores que se socorrem de exemplos comuns. Partindo dos dados fornecidos pelos gramáticos, podem considerar-se dois grupos: o primeiro é constituído pelos derivados em *-mento* em que é possível identificar claramente a junção do sufixo ao tema (são formas transparentes) para dar origem a nomes [+abstractos], que designam 'acto ou efeito de; faculdade'²⁰. Neste primeiro grupo, após ter verificado nos dicionários etimológicos a datação de cada um dos derivados, pude observar dois aspectos: nos casos em que *-mento* alterna com outros sufixos, muitas vezes, as formas em *-mento* são cronologicamente anteriores. Por outro lado, as formas em *-mento* terão sido tendencialmente substituídas por derivados regressivos²¹. Tendo presente que alguns dos gramáticos históricos (cf. Braga, 1876: 42, Pereira [1916] 1935⁹: 212 e Nunes [1919] 1989⁹: 373) referem que *-mento*, outrora muito frequente, perdeu produtividade, sobretudo em detrimento de *-ção*²², os exemplos em análise permitem-nos verificar que, maioritariamente, os derivados em *-mento* têm uma atestação mais recuada, corroborando, desta feita, a opinião expressa pelos gramáticos históricos, ao assinalarem que outros sufixos começaram a seleccionar as mesmas bases que *-mento*, mas, contrariamente ao que seria esperável, os dados não nos permitem afirmar que *-mento* perdeu produtividade e que foi tendencialmente substituído por *-ção*: nas alternâncias *-mento* / formas [+lat], excepto *contrariamento* 11 / *contrariedade* (XIV, lat.), todas as outras terminam em *-ção* / *-são*. Como se sabe, produtividade e número de ocorrências não se encontram directamente relacionados, visto que se trata de dois aspectos distintos. O facto de existir um grande número de ocorrências de formas em *-ção* não nos permite, só por si, aferir a produtividade do sufixo, até porque, como já vimos, muitas dessas formas são [+lat]. Do mesmo modo, não se pode justificar a perda de produtividade do sufixo *-mento* com a forte produtividade do sufixo *-ção*, nem amalgamar derivados em *-ção* com formas [+lat] em *-ção* / *-são*. Por outro lado, a circunstância de alguns derivados em *-mento* terem sido suplantados por formas regressivas e por formas [+lat], apesar de indiciar uma menor rentabilidade de *-mento*, não comprova a indisponibilidade do sufixo. Aliás, a avaliação da maior ou menor produtividade de um determinado

¹⁹ Nesta análise do sufixo *-mento* retomo uma outra análise que efectuei anteriormente (cf. Caetano, 2001).

²⁰ Por razões de espaço, vejo-me obrigada a suprimir os exemplos, os quais constavam do *handout* distribuído na altura da apresentação da comunicação.

²¹ Também por razões de espaço, tenho de suprimir a lista em que se contrapõem os derivados em *-mento* com outros derivados que partilham a mesma base, com formas regressivas e com formas [+lat].

²² Ali ([1931] 1964³: 240), pelo contrário, embora reconheça que muitos dos vocábulos em *-mento* caíram em desuso, sendo substituídos por derivados em que ocorrem outros sufixos, sobretudo *-ção*, refere que o sufixo *-mento* continuou a contribuir para "várias criações novas".

afixo ou processo e a definição do próprio conceito não são unânimes²³. Nos casos em que existem sufixos concorrentes, pertencentes ao mesmo sistema e com o mesmo significado, o facto de a escolha recair mais frequentemente sobre um ou alguns não significa que outros deixem de ter produtividade.

O segundo grupo que delimitei é constituído pelas formas eruditas herdadas do latim, palavras que, contrariamente ao indicado nas gramáticas históricas, não podem ser analisadas como o produto da junção de *-mento* ao tema verbal (exs.: *alimento*, *detrimento*, *documento*, *fragmento*, *fundamento*, *instrumento*, *monumento*, *ornamento*, *sacramento*, *testamento*)²⁴. De salientar que só estas formas em *-mento* herdadas do latim permitem a adjectivação denominal, contrariamente às formas que derivam de um verbo com existência autónoma, as quais bloqueiam a junção de outro sufixo derivacional, como se pode observar, por exemplo, em *discernimento* / **discernimental* e *ornamento* / *ornamental* (cf. Aronoff, 1976: 53-54).

Na maior parte dos casos, os derivados em *-mento* indicam a realização abstracta do processo expresso pela base e têm um valor perfectivo, contrastando neste aspecto com os derivados em *-agem* ('actividade em curso') e *-ura* (sufixo que expressa, normalmente a 'extensão do efeito da acção'). O sufixo *-mento* em português tem uma única acepção, forma derivados nominais abstractos [+masculino] que designam 'acto ou efeito de' e junta-se imediata e exclusivamente a temas verbais. Este sufixo transmite, assim, a ideia de 'fenómeno geral, acção vaga' e os derivados em *-mento*, embora do ponto de vista da significação apresentem diferenças relativamente às bases, estão intimamente relacionados com elas, ou seja, o significado dos derivados em *-mento* é previsível e transparente. Os derivados em *-mento* extraídos dos dois textos inicialmente referidos não contrariam o que foi dito relativamente aos dados do *corpus* de gramáticas históricas, quer em termos formais, quer semânticos, permitindo-nos, ainda, concluir pela grande produtividade de *-mento* até ao século XV, sufixo que, até aí, tinha aparentemente a possibilidade de nominalizar qualquer verbo para formar derivados com a acepção de 'acto ou efeito de'.

Com esta curta análise dos sufixos *-ado*, *-aria* / *-eria* e *-mento* pretendi realçar a importância de estudos sobre a derivação sufixal que incluam uma abordagem

²³ Quando Aronoff (1976, cap. 3) discute o conceito de produtividade, tendo por objectivo a distinção entre regras de formação de palavras (RFP) produtivas e não produtivas, adverte para o facto de não nos podermos limitar a contar o número de formas geradas por determinada RFP, pois isso nada nos revela acerca das restrições das bases. Outro aspecto importante realçado por Aronoff (1976: 38) é a "coerência" das RFP: uma RFP é coerente na medida em que o significado de uma palavra formada por essa regra é preditível, existindo, deste modo, uma ligação entre a coerência semântica e a produtividade. Nesta acepção, não se pode, pois, dizer que *-mento* não é produtivo e pode-se acrescentar, para reforçar a produtividade do sufixo, o facto de, nos derivados em *-mento*, a identificação do afixo e da base, a significação do afixo e o tipo de bases a que o afixo se junta poderem ser perfeitamente determinadas.

²⁴ Os nomes que se encontram sublinhados, após a sua entrada no português, deram origem a verbos da primeira conjugação, os quais por sua vez foram posteriormente nominalizados através da junção de *-ção*.

diacrónica, uma vez que uma análise estritamente sincrónica não permitiria, talvez, verificar o dinamismo de certas relações derivacionais.

Referências Bibliográficas:

- ARONOFF, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*, Cambridge, MIT Press;
- BROCARD, M.T. ([1994] 1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, Lisboa, F.C.Gulbenkian / JNICT;
- CAETANO, M.C. (2001) "O sufixo *-mento* em Gramáticas Históricas do Português", in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Homenagem a Henriqueta Costa Campos*, Lisboa (no prelo);
- CASTRO, M.H.L. de (1998) *Dom Duarte. Leal Conselheiro (edição crítica)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda;
- CUNHA, A.G. ([1982] 1987²) *Dic. Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira;
- DIEZ, F. ([1836-1844] 1973³) *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Librairie A. Franck;
- FERREIRA, A.B. ([1975] 1999³) *Novo Aurélio. O Dic. da Língua Portuguesa. Século XXI*, São Paulo, Editora Nova Fronteira;
- MACHADO, J.P. ([1952] 1977³) *Dic. Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte;
- MORAIS SILVA, A. de ([1961] 1980²) *Novo Dic. Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência / Livros Horizonte, 5 vols.;
- PIEL, J.M. (1940) "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português", *Boletim de Filologia*, 7, pp. 1-17;
- RIO-TORTO, G.M. (1998), *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto, Porto Editora, pp. 175-209;
- TEYSSIER, P. ([1980] 1994⁶) *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.